



## INGESTÃO DE BEBIDA ALCOÓLICA E VIOLÊNCIA CONJUGAL: A PRODUÇÃO DE HOMENS QUE AGRIDEM MULHERES

Luísa Escher Furtado<sup>1</sup>

Ricardo Pimentel Mélló<sup>2</sup>

*Este trabalho é fruto da pesquisa “Passos e espaços: ingestão de bebida alcoólica e violência conjugal”, iniciada em março de 2009 e ainda em curso, na cidade de Fortaleza-CE. Esta pesquisa se constitui como uma tentativa de deixar-se levar na onda dos acontecimentos, produzindo retalhamentos que foram sendo feitos por meio de conversas, observações, fotos e registros na Delegacia de Defesa da Mulher, na Associação de Alcoólicos Anônimos e no Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra Mulher. O rigor científico acontece como “a possibilidade de explicitar os passos da análise e da interpretação de modo a propiciar diálogo”<sup>3</sup>. Assim, a proposta aqui é narrar os passos efetuados na produção desse estudo, para que seja possível apresentar os caminhos nos quais o trabalho foi feito.*

Tendo como interesse pesquisar violência conjugal consideramos a Delegacia de Defesa da Mulher de Fortaleza (D.D.M.) o local imprescindível para iniciar investigações sobre a temática já que esta instituição é destinada a lidar com a violência doméstica e familiar contra a mulher e a violência conjugal é considerada uma violência doméstica e familiar. Inicialmente buscamos conhecer o funcionamento da D.D.M., em especial, os caminhos institucionais trilhados por homens acusados de cometer violência conjugal.

A primeira visita que fizemos a Delegacia foi com intuito de conhecer que caminhos burocráticos precisávamos trilhar para realizar a pesquisa lá. Soubemos pela recepcionista que teríamos que falar com a assistente social que foi receptível a nossa pesquisa, abrindo a possibilidade de presenciarmos seus atendimentos e ainda os atendimentos em outros setores da Delegacia, mas demonstrou que essa abertura era limitada a pesquisadora e não ao pesquisador.

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. luisa\_escher@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social, professor adjunto IV do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. ricardopm@uol.com.br.

<sup>3</sup> SPINK, Mary Jane P. e LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: A explicitação dos passos da interpretação. In. SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas Discursivas e Produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 102.



Assim, o pesquisador da equipe foi tendo o trânsito interrompido na Delegacia por ser homem, fazendo com que as visitas seguintes a essa fossem feitas apenas pela pesquisadora<sup>4</sup>.

Ainda na primeira visita a Delegacia estávamos os dois pesquisadores sentados na sala de espera. Havia uma mulher que “puxou assunto” com a pesquisadora e começaram a conversar<sup>5</sup>. No curso da conversa esclareceu-se que estávamos fazendo uma pesquisa e após esta mulher contar que era advogada, passou a conversar sobre a Delegacia, a Lei Maria da Penha, etc. Indagada pela pesquisadora sobre que acontecia, com os homens quando eram denunciados naquela Delegacia. Ela disse: “a maioria quando são presos é por causa de droga ou bebida e por isso, quando pedem a liberdade condicional são encaminhados pra tratamento no A.A [Alcoólicos Anônimos] e num Centro de Desintoxicação”. Perguntada se eles eram obrigados a frequentar algum destes tratamentos ela respondeu afirmativamente, encerrando aí nossa conversa.

Em segunda visita, a pesquisadora esteve no Setor de Ocorrência. Pode observar que a policial, logo que recebe a mulher para registrar o boletim de ocorrência, pergunta: “o que está acontecendo?”. A mulher narra sua queixa e durante o relato ou após, a policial faz algumas perguntas. Indagada se essas perguntas fazem parte de um protocolo ou se surgem durante a conversa, ela falou que são perguntas que ela considera importantes, tais como: nome, estado civil, de quem é a casa que a “denunciante” mora, se o “acusado usa drogas”, quantos filhos a “denunciante” tem, quantos são da relação em questão e se já fez outra denúncia. Chama a atenção que a informação sobre se a pessoa acusada usa “drogas” ou não, já é solicitada desde o primeiro registro naquela Delegacia. Acrescente-se que, ainda no Setor de Ocorrência, a policial comentou com a pesquisadora que as “questões” que aparecem lá não são apenas criminais: “tem uma questão social também; se você pega cem casos, em noventa os denunciados usam drogas porque o uso de drogas tá muito envolvido com a violência doméstica e familiar”. Após um breve intervalo, a mesma policial ao ser questionada pela pesquisadora sobre seu volume de trabalho, afirmou que depois do final de semana, especialmente segunda, terça e quarta-feira, há um maior fluxo de queixas, justificando: “Por causa das bebedeiras do final de semana”. Assim, começamos a perceber um movimento importante que busca explicar o fenômeno da violência pelo uso de drogas, em especial, a bebida alcoólica.

<sup>4</sup> Registre-se que todas as pessoas ouvidas manifestaram-se por meio do termo de consentimento livre e esclarecido, concordando com a presença da pesquisadora. Bem como todos os nomes listados são fictícios.

<sup>5</sup> As mulheres não conversavam com o pesquisador, pareciam reticentes pelo fato dele ser o único homem numa sala destinada exclusivamente para mulheres.



Na terceira e na quarta visitas à Delegacia da Mulher, a pesquisadora participou de audiências no Setor Social. Em uma delas, ocorrida no intervalo de um mês entre a denúncia e a audiência, o casal havia se reconciliado. A assistente social comentou que viu os dois abraçados quando foi chamar a mulher. Esta, quando entrou, começou a falar do companheiro: “Ele é muito bom, trabalhador, quando tá bom, mas quando bebe, ele fica violento, fala palavrão”. A mulher manteve-se na sala e, em seguida, a assistente social chamou o homem, leu o Boletim de Ocorrência para que ele soubesse do que estava sendo acusado e falou com ele se referindo ao que compreendia ser a vontade da mulher: “ela não quer instalar o procedimento policial, mas quer mudanças suas”. A profissional disse ao homem que sua companheira tinha referido que ele fazia uso de bebida alcoólica e explicou: “o alcoolismo é uma doença na qual existem três fases – o uso, o abuso e a dependência – o uso é quando a gente de vez em quando toma um vinho, uma cervejinha, é aquilo que chamam beber socialmente; o abuso é quando você ainda trabalha, tem os cuidados com a sua higiene, com a sua aparência, mas todo tempo livre que tem só quer beber e só pára de beber quando já tá porre; a dependência é quando já não consegue se controlar, tá sempre bebendo, perde emprego, perde a família. Em qual fase o senhor esta?”. O homem baixou a cabeça sem responder nada e a profissional continuou: “seria muito bom o senhor freqüentar o A.A., porque lá o senhor vai ouvir tanta história triste, de tantas perdas que vai ter medo de tomar o primeiro gole”. Observe-se que nesta sala estava fixado um cartaz dos Alcoólicos Anônimos.

Depois de ter assistido três audiências semelhantes, a pesquisadora perguntou para a assistente social o que ela achava dessa relação entre a droga e a violência. Ela explicou: “a droga não causa a violência, mas potencializa. Tem homem que bate e não bebe e tem homem que bebe e não bate”. O interessante é que mesmo nos casos seguintes a essa conversa, quando era referido que o acusado consumia alguma droga, esse consumo tornava-se o foco da intervenção.

Em outros atendimentos, principalmente em casos de ameaça em que a mulher denunciante referia não querer continuar a relação com o acusado e esse a ameaçava caso a encontrasse com outro, a assistente social falava sobre a “nossa cultura machista, patriarcal de que o homem pensa que é dono da mulher”, mas o foco nas relações “machistas” era dado principalmente em casos em que não se referia o uso de drogas como problema.

Na primeira conversa da pesquisadora com uma das delegadas, ela observou que tinha grande interesse em entender porque os homens reincidem nas agressões contra as mulheres, mesmo depois de serem apenados. E pontuou as suas hipóteses: ter vivenciado relações agressivas desde a infância; o uso de drogas “desde a bebida alcoólica até o *crack*”. Indagada sobre essa



relação das drogas com a violência, ela explicou: “existem homens que sempre foram agressivos e o uso das drogas só potencializa a violência, mas existem outros que só sobre o efeito da droga são agressivos, sem ela são companheiros, bons maridos, bons pais e trabalhadores”. Perguntada ainda qual o procedimento realizado com essas pessoas envolvidas com drogas, ela disse que não lhe compete fazer encaminhamentos aos acusados, mas que ela indica que procurem serviços como o A.A., Al-Anon (grupo de auto-ajuda para familiares e amigos de alcoólicos) e CAPS (Centro de Assistência Psicossocial).

A partir dessa investigação exploratória, passou a ser nosso foco de interesse de estudo as relações estabelecidas entre ingestão de bebidas alcoólicas e a violência conjugal. O A.A. passou a ser outro espaço importante para a pesquisa uma vez que era referência na Delegacia para homens acusados de violência doméstica e familiar que fazem uso de bebida alcoólica.

No dia 9 de fevereiro de 2010, entramos em contato telefônico com o AA. Explicamos sobre a pesquisa e a pessoa que nos atendeu se disponibilizou a encontrar conosco no escritório do A.A. Lá fomos bem recebidos por dois homens – Alexandre e José. Após apresentações e explicações sobre a pesquisa Alexandre imediatamente confirmou sobre a relação entre violência conjugal e ingestão de bebida alcoólica. José explicou era responsável pelo Comitê Trabalhando com os Outros (CTO) que trata da relação do A.A. com outras instituições. Uma das comissões do CTO é a Comissão de Instituições de Tratamento (CIT), que é de responsabilidade de Alexandre. Esta comissão se ocupa em levar a mensagem do A.A. às instituições, como o Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra Mulher, onde acontece uma reunião com homens presos acusados de agressões contra mulher. Nossa conversa continuou e eles explicaram pormenorizadamente a estrutura do A.A., frisando sempre que não existe hierarquia, eles são apenas servidores da mensagem de A.A. Essa tarefa diz respeito ao 12º passo de Alcoólicos Anônimos (o último): “Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades”.

Retomando a conversa sobre a violência conjugal relataram que, muitas vezes, as agressões ocorrem em razão do “ciúme alcoólico”, cujo nome científico é “Celotípiã”. E, em seguida nos convidaram para participar de uma reunião com um grupo de homens no Juizado. Alexandre é quem frequenta esta reunião para levar a mensagem de A.A. Ele mesmo, disse já ter cometido muitos atos de violência contra mulheres com as quais se relacionou, associando essa atitude ao fato de estar “sob o efeito do álcool”.



No dia 11 de fevereiro de 2010, às 11h a pesquisadora chegou ao Juizado para participar da reunião com os homens. Alexandre deu seu depoimento a todos, dizendo que ele sabia que muitos daqueles homens ali não eram “bandidos”, eram pessoas que, como ele, tinham “problemas com álcool” e por isso agrediam suas esposas, companheiras em momentos de “apagamento<sup>6</sup>”. Ele contou que já havia agredido suas “ex-esposas” e que não estava preso como eles porque na época não existia a lei Maria da Penha. Narrou que o álcool não escolhe “classe social, nível intelectual, nem nada”, pois ele é “um homem que fez duas faculdades, tem boa situação financeira e viveu tudo isso”. Ao final da reunião entregou um folheto do A.A. para cada um dos presentes, com os escritos: “Você precisa procurar o A.A.?”; “Doze perguntas às quais somente você pode responder” e os contatos do A.A. Também havia 12 perguntas que dispõem de duas possibilidades de resposta: sim ou não. Ao final, é explicado que se a pessoa respondeu “sim” quatro ou mais vezes “é provável que tenha um problema sério de bebida ou poderá tê-lo no futuro”.

Depois da reunião no grupo a pesquisadora, por intermédio de Alexandre, conversou com a juíza apresentando a pesquisa. A juíza explicou que “o álcool não é a causa da violência, porque existe homem que bebe e não bate e existem homens que batem e não bebem” e que “são muitas as causas históricas da violência tais como a dominação masculina e a cultura machista do nordeste”. Nesse contexto, também entregou um folder de uma campanha de combate à violência contra mulher direcionada para homens, realizada pelo Juizado junto a programas esportivos de rádio e televisão e nos estádios de futebol. Em tom de brincadeira ela comentou: “quando você não pode com o inimigo, tem que se juntar a ele”.

Durante a conversa referiram-se a um acordo firmado entre o Juizado e o A.A. e devido a essa parceria, homens acusados de violência doméstica e familiar contra mulher que declaram ter comprometimento com álcool são encaminhados para grupos de A.A., para cumprir uma espécie de pena alternativa. Alexandre entregou a Juíza diversas folhas de papel correspondentes a frequência dos homens encaminhados pelo Juizado aos grupos de A.A. Portanto, vimos que o Poder Judiciário controla se o apenado está participando dos encontros nos grupos de A.A. para onde são encaminhados. Alexandre informou que de janeiro de 2008, quando essa parceria iniciou, até dezembro de 2009, 457 pessoas já haviam sido “encaminhadas para tratamento no A.A.”.

Na terceira visita ao Juizado, a pesquisadora foi convidada pela assistente social para participar da reunião com as mulheres que soubemos acontecer antes da reunião dos homens presos. Assistente social explicou que naquela sala estavam “pessoas que haviam sido vítimas de agressão e

<sup>6</sup> Apagamento é um termo utilizado por Alexandre e também muito comum nas reuniões de A.A. e designa os momentos em que, sob o efeito de bebida alcoólica, uma pessoa faz coisas que não “se lembra no outro dia”.



que estavam esperando audiência com a juíza”. Para as mulheres falou que este encontro acontecia para conscientizá-las de que não eram “culpadas” e realizou uma explanação sobre os “diferentes tipos de violência previstos na Lei Maria da Penha”. Após, houve a exibição do vídeo “Acorda Raimundo... Acorda!<sup>7</sup>”, Ao final é comentou o filme discorrendo sobre mudança de “papéis de homens e mulheres”, ancorando sua discussão no filme: Marta (a esposa vivida pela atriz Eliane Gardini) “se comporta como homem” (tendo em vista uma visão de homem como aquele que é grosseiro, trabalha, sustenta a casa e bebe) e Raimundo (representado por Paulo Beth) “atua como uma mulher” (considerando que mulher é aquela que cozinha, costura, cuida dos afazeres domésticos, dos filhos, engravida, trabalha apenas em casa e está sempre servindo com um toque de docilidade o marido). Nesse vídeo, há uma cena em que a esposa briga com o marido e depois vai ao bar beber cerveja com as amigas. Volta pra casa arrastando passos que denotam desequilíbrio, chega bate com força na porta sendo recebida pelo marido preocupado, mas ao vê-lo, inicia uma briga. A assistente social fez alusão a essa cena para dizer que “muitos homens acham que sua bebida prejudica só a eles mesmos, já que não conseguem perceber que estão cometendo uma violência patrimonial porque gastam todo o dinheiro da família no bar e, muitas vezes, praticam violência psicológica já que a família fica preocupada e tensa esperando seu retorno”.

Depois dessas explicações, a assistente social pediu para que cada mulher na sala se apresentasse, falasse seu nome e contasse seu caso. Várias das situações relatadas pelas mulheres estavam atravessadas por narrativas sobre álcool e outras drogas, o que foi frisado pela profissional ao final de cada relato: “O álcool e a droga não causam a violência, mas potencializam”.

Após inicia-se um novo grupo só com os homens tendo metodologia semelhante ao grupo das mulheres. Tenta-se que sempre esteja presente pelo menos um assistente social e uma psicóloga. No caso do grupo dos homens o objetivo, segundo a assistente social, é de que “os homens reflitam sobre a situação que lhes levou a estarem presos” (os homens participantes desse grupo foram presos em flagrante por terem descumprido as Medidas Protetivas de Urgência<sup>8</sup>, ou por terem se envolvido em mais de um processo criminal). Alguns homens se apresentavam e contavam o que lhes levou a situação de estarem presos e processados, outros diziam não querer falar, ao que a

---

<sup>7</sup> Um filme brasileiro de 15 minutos, produzido em 1990 com direção de Alfredo Alves. Sinopse da contra capa: “E se as mulheres saíssem para o trabalho enquanto os homens cuidassem dos afazeres domésticos? Essa é a história de Marta e Raimundo, uma família operária, seus conflitos familiares e o machismo, vividos num mundo onde tudo acontece ao contrário”.

<sup>8</sup> Medidas Protetivas de Urgência são previstas no capítulo II do título IV da Lei Maria da Penha e são determinadas pela juíza em geral para suspensão de porte de armas do agressor, afastamento do agressor do lar e distanciamento da vítima e de seus familiares.



psicóloga pedia que eles pelo menos falassem seus nomes. Deleuze e Guattari<sup>9</sup> dizem que o código social vigente indaga: “qual é o teu nome, quem são teu pai e tua mãe” os autores apontam que a entrada num quadro de “normalidade” prescreve que tenhamos um nome uma origem e que sejamos capazes de dizê-los, exige-se que para que a pessoa se posicione diante da norma apresente e se reconheça num nome. Sobre esse lugar destacado que o nome toma na vida escreve Nietzsche<sup>10</sup>:

Se há uma coisa que me custou muito a compreender e que sempre me deixa perplexo é que o *nome das coisas* importa infinitamente mais do que saber o que elas são. A reputação, o nome, o aspecto, a importância, a medida tradicional e o peso de uma coisa [...] aos poucos isso se apegou à coisa, se identificou com ela, para se tornar seu próprio corpo.

Esse movimento de pedir que as pessoas se identifiquem com um nome e narrem suas histórias se repete no Juizado, no A.A. e na Delegacia, como uma prática na qual cada ser humano deve se tornar um “eu” para que se compreendam como seres com “vida psicológica interior” que guarda segredos de sua identidade, que eles devem descobrir para buscar uma de acordo com a norma<sup>11</sup>.

Nós<sup>12</sup> “trabalhadores sociais” aprendemos a produzir, incessantemente, o movimento de voltar para si mesmo, para “dentro”, para “sua” história em busca de causas, sentidos e lembranças que constituem uma verdade sobre o sujeito, como se ele fosse idêntico a si mesmo em sua “aparência” e em seu “mundo psicológico”.

É interessante notar que esse movimento psicológico liga-se diretamente a relação estabelecida entre a ingestão de bebida alcoólica e a violência conjugal que apareceu ao longo da pesquisa, em diversas falas e escritos, como de causalidade direta (a bebida leva a agressão), ou indireta (o álcool não causa a violência, mas a potencializa). Indagamos: “a ingestão de álcool potencializa o quê?”. Tanto na Delegacia como no Juizado, encontram-se duas respostas que não se excluem: 1) a “personalidade”, o mundo psicológico, o “caráter”, a “índole” de um homem que já era violento; 2) a dominação masculina sobre a mulher (o machismo). Polariza-se a vida entre efeitos individuais e sociais.

Mas ainda há um processo importante que fortalece essas práticas de constituição de um sujeito psicológico culpado. Na quarta visita ao Juizado, durante o grupo com homens, a assistente

<sup>9</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia** 1. Edição 0403. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 19.

<sup>10</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. 2ª edição. São Paulo: Editora Escala, 2008, p. 90.

<sup>11</sup> ROSE, Nikolas. **Como se deve fazer a história do eu**. Educação & Realidade, v. 26, n.1, 2001, p.34

<sup>12</sup> Incluímo-nos aqui, não só por termos ganhado diplomas de universidades que nos conferiu o grau de psicólogos, mas porque ao ver as profissionais do Juizado e da delegacia fazendo isso, não temos certeza de que, no lugar delas, faríamos muito diferente.



social como de costume pediu para que cada um se apresentasse e falasse um pouco da sua história. Um homem exclamou: “tipo uma confissão”. A profissional ficou incomodada e retrucou que não era confissão, mas “um momento de reflexão”. A simplicidade das palavras ditas por aquele homem nos fez lembrar um texto de Foucault sobre a noção de indivíduo perigoso. Não basta que o réu assuma ser autor de um crime, pois se pede “uma confissão, um exame de consciência, uma explicação de si, um esclarecimento daquilo que se é”.<sup>13</sup> Circulam entre nós paradigmas de humanização que exigem que nos tribunais, nas delegacias, nas cadeias existam “equipes psicossociais” que examinem o “interior” dos corpos apenados ou sob suspeita.

Na quinta visita ao Juizado, a assistente social convidou a pesquisadora para conduzir o grupo. Após certa reticência, aceitou já sentia que seu silêncio incomodava ou intimidava as profissionais do Juizado. Como tentamos adotar um método de pesquisa e de vida que seja mais de interrogar do que prescrever, depois de ouvir diversas histórias de homens a pesquisadora lançou-lhes um questionamento, explicando que ele era o motor que lhe levava a pesquisar violência conjugal: “porque continuamos em relações que nos machucam?”. Um dos homens do grupo fez eco à indagação: “não só com as mulheres, mas com a bebida também né? Porque a gente continua a beber?”. A sabedoria deste homem nos levou a fazer uma associação: as relações conjugais violentas são como as relações problemáticas com a bebida – mexem com o prazer, com a dor e talvez possamos também dizer com um desejo de controle e uma ira na constatação do descontrole. Pudemos ver essa mistura de prazer e dor, risos e lamentos, em muitos dos encontros com o grupo de homens.

Após o sexto encontro no Juizado a pesquisa deslocou-se ao A.A. Em função de dias e horas da reunião só a pesquisadora pode participar destas reuniões. A maioria das pessoas que lá estão para falar é circunscritas em corpos marcados como masculinos, estavam presentes por volta de 35 pessoas, das quais cinco eram mulheres. Foram ao púlpito falar 12 pessoas, 11 homens e 1 mulher. Quase todos os homens relataram problemas conjugais em função da bebida. Um inclusive narrou que ao contar no bar, muito entristecido que cometera violência contra sua esposa na noite anterior, ouviu de um “amigo de bar”: “você não bateu na sua mulher, bateu no atrevimento dela”. O conselho do amigo faz parecer que até nos momentos de violência, ela acontece como um ato educativo, não uma desmesura, ao contrário, uma ação de um homem que sabe e está sendo impugnado pela mulher, ao que ele responde com propriedade. Outro membro de A.A narrou o quanto era difícil ser homem, pois isso “não é apenas ter tuas bolas e vestir uma calça, é ter

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 2.





dignidade”. Essa produção de um homem, muitas vezes exige que este seja um corpo com ciência, isto é, um consciente, pouco entregue às emoções, aos sentimentos, ao choro, aos gritos dilacerados de medo, de susto e de alegria. Seus gritos são os de mando, os da razão.

Noélia Alves de Souza<sup>14</sup> discute que o alcoolismo foi apresentado como um “mal” para os homens, pois os afastava do campo da racionalidade e da possibilidade de exercerem o lugar de provedor da família. Assim, a ingestão de bebida alcoólica, principalmente na partir do século XX está significativamente envolvida num processo de urbanização e de mudança nas relações de trabalho, nas relações familiares e conjugais, que exigem a produção de homens e mulheres como indivíduos limpos, dóceis, e marcados por fronteiras entre o público e o privado que possivelmente nunca foram tão rígidas e nítidas quanto às prescrições disciplinadoras pregavam.

Essa marca que estilos de vida ganharam no processo de disciplinarização e medicalização dos corpos é presente nos discursos que circulam nas falas de membros de A.A.: “alcoolismo é doença segundo a OMS [Organização Mundial de Saúde], uma doença da mente e do corpo, mais da mente que do corpo. Não é sem-vergonhice, vagabundagem ou falta de vontade, como dizem por aí”. Em outro momento, outro membro também se pronunciou sobre essa mudança de *status* em relação ao homem que bebe e agride: “Antigamente era desordeiro homem que quebrava tudo em casa e batia na mulher. Ia pra delegacia, varria um chão, lavava uma cela, ou o carro da polícia e era liberado no outro dia com a ficha limpa. Hoje em dia é criminoso e às vezes nem é uma questão de ser criminoso, é uma questão de alcoolismo”.

### *Considerações Finais*

Na Delegacia, no Juizado, no A.A., em diversos artigos científicos<sup>15</sup>, a relação apresentada entre a ingestão de bebida alcoólica e violência denota causalidade, ainda que a bebida alcoólica não seja apresentada como causa única. Essa relação direta e simplista entre o uso de drogas e a

<sup>14</sup> SOUZA, Noélia Alves. Embriaguez e desordem: alcoolismo e masculinidade em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico Castro (org.). **Gênero**. Fortaleza: Edições Demócrito rocha, 2002, p. 80.

<sup>15</sup> VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza et. al. **Fatores de risco para violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo**. Saúde e sociedade, set 2008, vol.17, nº 3, p.113-125; RABELO, Patrícia Moreira e Caldas Júnior, Arnaldo de França. **Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas**. Revista de Saúde Pública, dez 2007, vol.41, nº 6, p.970-978; NIEWIADOMSKI, Christophe. **Violências e alcoolismo: abordagem biográfica em alcoologia e hermenêutica do sujeito**. *Psicol. Estud.*, Dez 2004, vol.9, nº 3, p.331-341; CHALUB, Miguel e TELLES, Lisieux E de Borba. **Álcool, drogas e crime**. Revista Brasileira de Psiquiatria. 28 (Supl II), p. 69-73, out. 2006; DANTAS, Heloisa. **Álcool, Drogas e Violência Doméstica**. SIICsalud (Buenos Aires), p. 2007.



violência, desconsidera “os demais aspectos culturais e sociais que orientam a construção dos lugares dos homens e mulheres em nossa sociedade”<sup>16</sup>

Assim, vai se desenhando um homem que bebe e agride no final de semana e que na segunda-feira é chamado à outra vida. Um “desordeiro” e “vagabundo” no final de semana deve se tornar consciente, deve entrar em ordem, deve ser trabalhador durante a semana, deve incorporar os diagnósticos (alcoólico) e prescrições. Essas cisões e fronteiras de algum modo produzem uma semana, um relacionamento tão duro, que os homens são convocados a autognose, conhecer-se, mensurar-se. Os excessos não são bem vindos, nem os excessos de prazer, tão pouco os de dor. A vida tem que ser algo que caiba na métrica, o que é desmedido pode dilacerar aquilo que é dito indivizível – o indivíduo. Assim, tudo é político ou violento. Foucault<sup>17</sup> fala sobre um modo de vida que se produz como alternativo a essas duas possibilidades: a amizade que não conhece gênero nem sexo.

Como é possível para homens estarem juntos? Viver juntos, compartilhar seus tempos, suas refeições, seus quartos, seus lazers, suas aflições, seu saber, suas confidências? O que é isso de estar entre homens "nus", fora das relações institucionais, de família, de profissão, de companheirismo obrigatório? É um desejo, uma inquietação, um desejo-inquietação que existe em muitas pessoas. [...] inquietar no afeto, carinho, amizade, fidelidade, coleguismo, companheirismo, aos quais uma sociedade um pouco destrutiva não pode ceder espaço sem temer que se formem alianças, que se tracem linhas de força imprevisas. [...] que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema. A instituição é sacudida, intensidades afetivas a atravessam, ao mesmo tempo, a dominam e perturbam [...] Isso no que devemos trabalhar, me parece, não é tanto em liberar nossos desejos, mas em tornar a nós mesmos infinitamente mais suscetíveis a prazeres. É preciso, insisto, é preciso fazer escapar às duas fórmulas completamente feitas sobre o puro encontro sexual e sobre a fusão amorosa das identidades.

Para provocar interrupções na produção de homens que agridem mulheres, talvez seja necessário desinstitucionalizar as relações entre homens e mulheres e possibilitar que homens e mulheres possam se dar prazeres novos e imprevisos, produzindo amizades.

---

<sup>16</sup> GRANJA, Edna e MEDRADO Benedito. **Homens, Violência de Gênero e Atenção Integral em Saúde**. Psicologia & Sociedade; 21 (1): 25-34, 2009, p. 26.

<sup>17</sup> Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amizade.pdf>